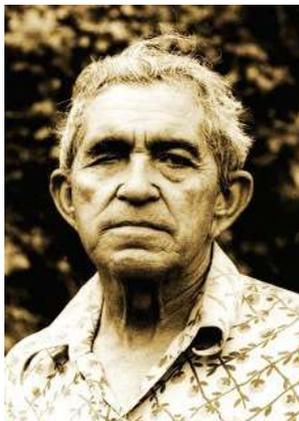


## Olhar Patativa do Assaré: representações do mítico sertão-gênese

Myrlla Muniz Rebouças,  
Beatriz Magalhães-Castro  
UnB

Uma fotografia de Patativa do Assaré, registrada pelo cineasta Rosemberg Cariry no contexto do seu documentário PATATIVA DO ASSARÉ - AVE POESIA, é uma das poucas em que está sem os seus famosos óculos escuros, usados para esconder a cegueira de um olho, perdido aos nove anos (*dord'olhos*). Como descreve Barthes, a fotografia do rosto é subversiva não quando aterroriza, perturba, ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa. Uma “imobilidade viva” que causa reflexões. O nome da sua cidade de nascimento é colocado no nome artístico para o diferenciar de tantos outros cantadores e violeiros também chamados Patativa. Assaré é um município brasileiro do interior do Estado do Ceará, oeste da chapada do Araripe, com área de 1.116 Km<sup>2</sup> a 520 km de Fortaleza. O destino lhe marcava como marcou a Camões, mas cego poderia cantar melhor como o Assum Preto? Apesar desta limitação, com o outro olho estudou, fez suas primeiras rimas observando o cotidiano das pessoas e a natureza ao seu redor, onde sentia/percebia: “um verso em cada galho, um poema em cada flor.” Além de poeta, de cantador improvisador de martelos alagoanos, de mourões, de gabinetes, de galopes à beiramar e oitavas a quadrão, seus versos já vinham musicados pelo próprio ritmo da poesia e da métrica. Este gênio agreste herda as diferentes culturas que se misturam no processo de construção da civilização sertaneja. Um sertão universal, sertão-gênese, que não é o regional, o fechado, mas é o aberto e o universal no sentido que lhe dava Guimarães Rosa, quando dizia que “*o sertão carece de fecho*”. O que é esse sertão real e ao mesmo tempo mítico? Como a dimensão de Patativa Assaré é representada na sua iconografia musical que o acompanha? Propomos assim discutir a representação iconográfica de Patativa do Assaré a partir do documentário de Rosemberg Cariry e em fontes diversas de forma a analisar como a riqueza intrínseca ao trabalho de Assaré é (ou não) representada, demonstrando como o viés literário-musical articula-se no imaginário imagético que circunda esta e outras místicas do sertão-gênese.

## Patativa do Assaré - Ave poesia



Esta fotografia de Patativa do Assaré, (por Rosemberg Cariry), é uma das poucas que está sem o famoso óculos escuro, para esconder a cegueira de um olho. Perdera a vista aos nove anos. (Dordolhos). O destino lhe marcava como marcou a Camões. Cego poderia cantar melhor como o Assum Preto? Talvez não, mas com o outro olho estudou, fez as primeiras letras, aprendeu a ler sob a luz das lamparinas, como minha mãe e tantos sertanejos na época. Tornou-se um autodidata devorador de muitos livros – da literatura de cordel aos poetas da língua. Ainda menino brincava de fazer rimas, observando o cotidiano das pessoas e a natureza ao seu redor, onde sentia/percebia: “um verso em cada galho, um poema em cada flor”.

A poesia fazia parte da sua vida. Fazia versos enquanto trabalhava, na enxada, todos os dias, para tirar da terra o seu sustento. Se ele falava era para recitar sua poesia, se o mundo existia era pra ser transformado em poemas, político na essência de sua palavra que era símbolo da luta dos trabalhadores sem-terra. Em vários momentos históricos Patativa do Assaré ergueu a sua poesia como bandeira libertária. Participou da campanha pelas “Diretas já”, no movimento das ligas camponesas, publicou poemas em jornais de esquerda, e foi ameaçado de prisão em pleno golpe militar. Sua voz jamais se calou e as suas canções ganharam novos voos na voz de Fagner, Roland Boldrin, Pena Branca e Xavantinho, Oswaldinho e Luiz Gonzaga, entre tantos outros. Os seus versos foram traduzidos e publicados na Espanha, na Itália e na França. As universidades o reconheceram e lhe deram títulos de doutor *Honoris Causa*.

Antes visto de forma preconceituosa, apenas como poeta matuto e analfabeto, foi depois descoberta a sua erudição. Estudou até a sexta série, sendo um autodidata, lia tudo que lhe caía nas mãos, como os grandes clássicos da língua

portuguesa, Camões, Bocage, Gonçalves Dias, Olavo Bilac, Castro Alves, Cassimiro de Abreu, Padre Antônio Tomás, Guimarães passos, entre outros. Também leu Karl Marx e muitos pensadores e escritores estrangeiros traduzidos. Tardiamente, os acadêmicos perceberam que o seu linguajar matuto preservava as construções mais eruditas de métrica, prosódia e beleza estética, como qualquer grande poeta catedrático.

Patativa era dono de uma memória extraordinária. Guardava tudo o que produziu, ou mesmo o que improvisou, na memória. Não escrevia os seus versos, fazia-os e refazia-os também na cabeça, em busca de torná-los mais belos. Era um poeta de grande rigor estético, sempre em busca da perfeição.

Patativa era um gênio agreste, saído das entranhas do povo e gerado em um caldo cultural de grande riqueza, porque herdeiro das culturas de muitos povos que se misturam no processo de construção da civilização sertaneja. Um sertão universal. Esse *sertão-gênese*, não é o regional, o fechado, mas é o aberto e o universal no sentido que lhe dava Guimarães Rosa, quando dizia que “o sertão carece de fecho”. O que é esse sertão real e ao mesmo tempo mítico.

De tudo o que vi e aprendi sobre a poesia e a música do sertão nordestino, Patativa do Assaré, sem nenhum título, foi o maior mestre, por ser a melhor tradução de todos esses sertões. A obra de Patativa fala por si. Em sua *Sina* ele recita:

*Eu venho desde menino,  
desde muito pequenino,  
cumprindo um belo destino,  
que me deu nosso Senhor.  
Não nasci pra ser guerreiro,  
nem infeliz estrangeiro.  
Eu num invejo o dinheiro,  
nem diprôma de dotó.<sup>1</sup>*

Seu linguajar matuto cala profundamente a dor do homem do campo que vive esquecido entre agruras e desafios. A profissão é abraçada como consciência de vida e o redime: o homem é o amor.

*“Eu nasci pra ser vaqueiro,  
sou mais feliz brasileiro,  
eu num invejo o dinheiro.  
Só olhar do meu amor.<sup>2</sup>*

---

1 LP *Manera Fru-Fru maneira*, de Raimundo Fagner. Rio de Janeiro, 1972. Fagner fez um série de shows com Patativa por todo o Brasil e produziu dois discos com poemas e canções do vate sertanejo.

2 Casinha de Palha. Patativa do Assaré. Ob. Cit.

As secas, mais do que uma fatalidade ditada pelo clima, é também fruto de uma ordem social injusta. A fome, as doenças e o desamparo em que viviam as famílias camponesas nordestinas se traduziam em altos índices de mortalidade infantil, da qual a família de Patativa do Assaré também foi um exemplo doloroso. Patativa do Assaré testemunhou a morte de uma criança chamada *Namã*, na seca de 1932. Cheio de compaixão ele transforma-se no pai dessa criança filha de outro, para assim falar da beleza da sua vida, da agoniza da sua fome, da tristeza da sua morte e da revolta que lhe invade a alma, acusando os poderosos e os latifundiários por aquele crime.

Patativa não culpa a seca e nem culpa Deus pela catástrofe social, como geralmente fazem alguns poetas, de uma forma fatalista e submissa. Os versos de patativa oferecem a argamassa humana que frequentemente falta às teses sociológicas mais bem intencionadas, como afirma o escritor cearense Padre Antônio Vieira.<sup>3</sup>

Em uma das suas mais belas e singelas canções, que tive oportunidade de interpretar em vários shows que realizei, diante de plateias emocionadas, é a toada *Casinha de Palha*, ele canta o amor, em um dos raros poemas de viés mais romântico, já que toda a sua obra é trespassada pela dor, pela luta e pela consciência do mundo.

O poeta canta em dialeto matuto:

*Lá naquela casinha de paia  
Rodeada de pé de fulô  
Mora a parte miô dos meu sonbo  
Foi lá onde nasceu meu amô.*

*Eu não dou a casinha de paia  
No palácio do imperadô.  
Eu num dô, eu num dô, eu num dô...<sup>4</sup>*

Era uma escolha estética o seu jeito de interpretar sua própria obra. Além de poeta, de cantador improvisador de martelos alagoanos, de mourões, de gabinetes, de galopes a beira-mar e oitavas a quadrão, seus versos já vinham musicados pelo próprio ritmo da poesia e da métrica. Era um compositor por excelência. É dele a melodia e letra de “Vaca Estrela, boi Fubá”, gravado por Fagner, pela CBS obtendo muito sucesso, “Casinha de Palha”, gravado por Myrlla Muniz em seu DVD “Notícias do Brasil”, a dolente melodia e letra, “Triste Partida”, que se tornou uma espécie de hino do nordestino, a partir da sensível e magistral interpretação de Luiz Gonzaga.

3 Padre Antônio Vieira, discurso.

4 REBOUÇAS, M. M. Cd *Notícias do Brasil*, 2006, faixa 3

A palavra de Patativa é música, tem som e nos toca a alma.

Se Patativa precisa da Academia? Não, a Academia prescinde de Patativa.

Assim acontece quando várias universidades reconhecem o seu talento e a sua contribuição brasileira dando-lhe títulos de doutor *honoris causa*.

*O punctum, o que me punge nessa foto é um olho vazado mas o outro muito vivo sempre atento. Em sua camisa “volta ao mundo”, tipo de tecido que à época era usado nas festas por ter uma cor muito viva e parecida com plástico, era para os dias de festa ou de fazer entrevista, mas mesmo assim era algo sempre mal acabado, como os cabelos também desgrenhados mostravam que não havia muita vaidade. O cigarro de palha e o sol escaldante tiraram muito cedo o viço de sua pele, um quase sorriso, numa quase pose. A fotografia do rosto, como descreve Barthes, é subversiva não quando aterroriza, perturba, ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa. Uma “imobilidade viva” que causa reflexões. Tive o prazer de conhecer patativa ao cantar para ele em Assaré em uma de suas famosas comemorações de aniversário. Todos os anos havia excursões para essa data e ele recebia a todos e fazia para cada um um versinho, sempre inédito e de improviso ressaltando uma ou outra qualidade ou defeito. O nome da sua cidade de nascimento é colocado no nome artístico para o diferenciar de tantos outros cantadores e violeiros também chamados Patativa. Assaré é um município brasileiro do interior do Estado do Ceará, localiza-se a oeste da chapada do Araripe. Com área de 1.116 Km<sup>2</sup> a 520 km de Fortaleza.*

Localizado no sertão central, no Cariri, local de chapadas e vales, serras e sertões, com rica diversidade geográfica é também um caldeirão cultural de onde emanavam as mais difusas influências.

A vegetação desfocada atrás parece emoldurar um ser tão belo quanto seu sertão.